

SOCIABILIDADES JUVENIS: ALGUMAS INTERFACES ENTRE ESCOLA, PERTENCIMENTOS E INTERNET

Angélica Silvana Pereira – UFAL¹
Carla Gillyane S. Nascimento – UFAL²
Rosemeire Reis – UFAL³
Agência financiadora: CNPq

Na contemporaneidade, as sociabilidades juvenis têm adquirido diversos formatos. Elas envolvem estar *entre e/ou com* amigos, navegar na internet, grupos de pertencimento ou mesmo grupos rivais; envolvem tempos e espaços de lazer e de diversão e também os tempos e espaços institucionais, como a família, a escola, a igreja, clubes, etc. Muitos estudos têm mostrado a importância das sociabilidades na vida dos jovens, as quais, não raras vezes se pautam na turma de amigos e de colegas de forma presencial ou virtual, com quem os jovens buscam por diversão, jogam conversa fora, gostam de estar ‘à toa’, compartilham gostos musicais e outros consumos. Segundo alguns autores, as sociabilidades juvenis dizem respeito ao compartilhamento de ações baseadas no instante em que se vive e nas condições nas quais os jovens se encontram e tem uma estreita relação com os espaços onde elas são desenvolvidas, alterando seus significados, fazendo emergir outras formas de vivê-los. Neste artigo pretende-se apresentar alguns aspectos constitutivos das sociabilidades de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió/AL/Brasil, a partir de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo conhecer os jovens que chegam às escolas médias, procurando saber como vivem, do que gostam, seus consumos, seus valores e seus planos para o futuro. Para tal, serão analisados os resultados parciais de um estudo exploratório realizado com 218 estudantes, focalizando aspectos relacionados aos seus grupos de amigos e de pertencimentos, às suas relações com a internet e a escola. Até o momento identificou-se que entre os principais espaços considerados importantes, nos quais os jovens constroem suas relações de afeto e compartilham consumos diversos, estão a escola e os espaços virtuais. Mesmo para aqueles que não têm acesso fácil à internet, as redes sociais funcionam como indispensáveis canais de encontro e fazem parte, de alguma forma, da vida dos jovens da pesquisa. São poucos os jovens que se referem a outros espaços onde podem construir um sentimento de pertença a um grupo ou a um lugar. Identificou-se que para a maioria destes sujeitos, a escola configura-se no mais importante espaço de sociabilidade. Este aspecto parece preponderar à ideia da escola como espaço de conhecimento. Se por um lado estes resultados enaltecem o valor da escola, por outro, sugerem a necessidade de questionamentos acerca de suas práticas. Além disso, cabe uma reflexão sobre a precariedade de outros possíveis espaços de sociabilidade na vida destes jovens, nos quais poderiam ser possíveis também, outras inventividades juvenis.

Palavras-chave: Sociabilidades juvenis. Internet. Escola.

¹ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e pesquisadora do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL).

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE/UFAL) e integrante do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL).

³ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), atuando também no Mestrado em Educação Brasileira da mesma universidade. É Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordena o grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação*, o qual está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFAL.

Para iniciar...

Em nossos tempos, múltiplas possibilidades de ser jovem tem sido produzidas pelas mais diversas culturas, colocando em xeque o entendimento consensual de juventude que perdurou por longo período e que tinha como base de sustentação definições biopsicológicas, como idade, mudanças corporais e comportamentais.

Conforme Canevacci (2005), as faixas etárias que definiam uma geração em relação à outra e tentavam homogeneizar o processo fluido da passagem para o mundo adulto, foram fortemente suavizadas. O autor sustenta que a partir das grandes transformações sociais e culturais, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, novas juventudes vem se desenhando. Elas podem ser “constelações móveis” (CANEVACCI, 2005, p. 29), desordenadas, compostas por códigos e faces múltiplas. São fragmentos e fraturas cheias de significados líquidos, em que, um sentido fluido é posto em ação produzindo uma fratura disjuntiva nas narrativas dessas culturas. Elas passam a ser “pluriversas” (CANEVACCI, 2005, p.29).

À luz desse entendimento da juventude como uma categoria plural – *juventudes* –, neste artigo pretende-se apresentar alguns aspectos constitutivos das sociabilidades de jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública de Maceió/AL/Brasil, a partir de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo conhecer os jovens que chegam às escolas médias, procurando saber como vivem, do que gostam, seus consumos, seus valores e seus planos para o futuro⁴.

Assim, as sociabilidades são tomadas como práticas de trocas, de interação e de constituição de identidade cujos significados são compartilhados ou servem como referência e como sustentação para construções de outras significações. Considera-se também que na contemporaneidade, tem sido cada vez mais difícil ignorar a importância das tecnologias digitais – de modo especial, a internet – como suportes que viabilizam inúmeras formas de interação e de comunicação dos jovens entres si e também com os demais, transformando-as em vias de construção de suas subjetividades e identidades. As tecnologias digitais tem sido constitutivas de modos de vida, especialmente de crianças e jovens que nasceram e que estão crescendo imersos no contexto de uma veloz expansão dos aparatos tecnológicos e suas múltiplas possibilidades de atuação na vida cotidiana.

⁴ Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação*, o qual é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas. Ambos são coordenados pela Prof^a Dr^a Rosemeire Reis. A referida investigação conta com o financiamento do CNPq (2010-2012).

Neste artigo apresentaremos um recorte dos resultados referentes à uma pesquisa em fase de finalização com jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió, relacionadas às suas formas de sociabilidade. A referida pesquisa foi organizada em dois momentos distintos. O primeiro refere-se a um estudo exploratório mediante duzentos e dezoito questionários respondidos por estudantes do vespertino e do noturno. Este questionário foi composto por perguntas sobre aspectos socioeconômicos, práticas culturais e outros aspectos das sociabilidades dos estudantes e por perguntas voltadas para as relações dos mesmos com a escola e com os estudos. Já, o segundo momento se constitui em grupos de discussão e entrevistas, através das quais tornou-se possível retomar pontos identificados no questionário, que mereciam maior investimento e discussão de forma a potencializar a emergência de outras narrativas sobre estes pontos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa quanti-qualitativa, com uma "abordagem local" (VAN ZANTEN, 2001). Esta perspectiva de investigação se apóia no intercruzamento de dados dos diferentes procedimentos de pesquisa.

As informações obtidas através do questionário foram aglutinadas e organizadas através do programa PSPP, “um software livre disponibilizado para análises estatísticas sobre matrizes de dados. Permite gerar relatórios tabulados, normalmente utilizados na realização de análises descritivas e inferências a respeito de correlações entre variáveis.” (GNU-PSPP, 2010 apud SANTOS, 2011, p. 97).

Desse modo, para a discussão que propomos neste artigo, apresentaremos algumas análises do estudo exploratório realizado a partir dos os questionários, focalizando as informações sobre internet, espaços de diversão e lazer, encontros com amigos e outros possíveis pertencimentos dos jovens desta pesquisa, buscando traçar algumas articulações com a escola. Considerando que neste momento da referida investigação estamos iniciando as análises do material produzido através dos grupos de discussões, na medida do possível, traremos também algumas falas dos jovens apresentadas em tais encontros, a fim de enriquecer as reflexões que aqui pretendemos desenhar.

Escola, ensino médio e juventudes: algumas inquietações que movem a pesquisa

Jovens: escola, ensino médio, Enem, vestibular, definições profissionais, planos para o futuro, diversão, amizades, namoro, internet, pertencimentos, consumos diversos (vestimentas, músicas, filmes, jogos e tantos outros). Estas são boa parte das atividades que compõem o cotidiano de muitos jovens que frequentam o ensino médio nos sistemas educacionais brasileiros.

Não raras vezes, alguns espaços institucionais, em especial, a escola, parecem entender tais atividades de forma compartimentada: de um lado estão as práticas relacionadas com a escola, com a preparação para a vida profissional, com os planos para o futuro; de outro, estão as práticas que, *grosso modo*, são tidas como tipicamente juvenis, como, por exemplo, grupos de pertencimento, consumos culturais diversos, redes sociais na internet... Tidas como uma espécie de inimigas entre si, muitas escolas vêm nos seus muros e nas suas portas – principalmente as portas das salas de aula –, como uma fronteira que demarca o que deve e ser feito, sobre o que deve ser falado, discutido naquele lugar. Colocando-as em posições extremas e polarizadas, estas práticas tão comuns entre os jovens do ensino médio acabam sendo tratadas como opositoras e incapazes de serem assumidas como possíveis canais de negociação entre a escola e os próprios jovens.

Em outras palavras, podemos dizer que a cultura escolar propõe os modos considerados legítimos para aprender e expressar determinados conhecimentos, valores, modos de agir, enfim, para agenciar e governar a vida escolar. Para pensarmos naquilo que estamos chamando de cultura escolar, recorreremos às análises sobre a gênese da escola moderna de Ramos do Ó (2012), nas quais o pesquisador constata a presença da ciência na cultura escolar como uma versão completa do saber e do conhecimento, fundando um *regime cognitivo* que tem como foco a idéia preexistente e estável de sujeito pautada num modelo racionalista do século XIX.

Entretanto, o que temos visto emergir nos mais variados cenários sociais é uma amálgama de práticas e de sociabilidades juvenis [e não só juvenis!] que colocam em voga práticas e linguagens que viabilizam jogos de identidade muitíssimo complexos, reafirmando o entendimento de Hall (2006) de que a identidade é uma construção inacabada e composta por projetos e buscas marcados por múltiplas trajetórias. Ramos do Ó (2010) enfatiza que a escola de hoje é povoada por crianças e jovens muito diferentes dos sujeitos para os quais ela foi organizada e estruturada nos séculos XIX e XX. Para o autor, existe na escola contemporânea uma população inteiramente nova, que vive experiências escolares pautadas em modelos curriculares e em práticas obsoletos.

Imersas no contexto do acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e da inescapável cultura do consumo, as juventudes dos nossos tempos desenham “constelações móveis”, desordenadas, de múltiplas faces (CANEVACCI, 2005), afastando, possibilidades de enquadramentos conceituais. Aspectos como o consumo, a comunicação midiática, a hibridação das culturas, a fragmentação dos sujeitos, viraram do

avesso as passagens geracionais, produzindo experiências de ser jovem que desafiam instituições, saberes, normas, prescrições.

Assim, nos deparamos com um movimento preocupante na cultura escolar: ao mesmo tempo em que algumas experiências dos jovens contemporâneos parecem não ter importância diante dos conteúdos ‘oficiais’ que devem ser apreendidos, parece que os estes mesmos conteúdos científicos, artísticos, que envolvem a leitura e a escrita competente também estão ‘em baixa’ na vida escolar dos jovens.

Tais inquietações nos mobilizaram para buscar conhecer alguns aspectos da vida de estudantes de uma escola pública, voltando-nos a olhar para o ensino médio, já que nacionalmente têm surgido muitas discussões que problematizam este nível de ensino, não somente em relação ao acesso e à permanência dos jovens, mas também no que tange a importância desta etapa de escolarização para as suas vidas.

No caso da investigação em questão, observou-se que dentre os 218 estudantes que fazem corpo a esta pesquisa, a grande maioria compartilha de significados culturais - seja de idade, seja em relação às suas práticas - que lhes permite denominarem-se como jovens. Embora exista esta grande maioria de estudantes jovens, também responderam o questionário alguns estudantes frequentadores do ensino médio noturno que se consideram adultos.

Estas informações estão relacionadas com a progressiva ampliação do acesso à escolarização de crianças e jovens nas últimas décadas, tanto no Brasil como em âmbito mundial. Em relação ao contexto brasileiro, Menezes (2001), bem como Sposito e Galvão (2004) observam que o crescimento da urbanização do país tem exigido maiores investimentos na escolarização dos sujeitos como possibilidade de acesso ao universo do trabalho. Além disso, os autores destacam que o fato de a educação escolar ser tratada nos textos legais como “um direito de crianças e jovens decorrente do novo desenho institucional provocado pela transição democrática integram a configuração sócio-política” (SPOSITO; GALVÃO, 2004, p. 346), criou certa pressão à escola para abrir-se para um público quem até então, fazia parte de uma realidade distante dela.

Os jovens que estão atualmente no ensino médio é um “novo público” produzido entre meados da década de 90 com a democratização do acesso nas instituições educacionais, pois nas décadas de 50, 60, 70 e 80 só os jovens/alunos pertencentes a uma elite econômica e de classe média em ascensão que ingressavam nas escolas públicas de ensino médio regular (MENEZES, 2001). Nesse contexto, as instituições de ensino médio eram uma realidade bem distante para a maioria dos jovens. O processo de democratização do acesso trouxe para a escola de nível médio um crescimento quantitativo bastante expressivo, porém, parece estar

deixando a desejar em termos de qualidade. Esse processo precisa ser compreendido para que a escola receba de modo legítimo os novos partícipes, que algumas vezes, nem sabem o que esperar dessa instituição, que por muito tempo foi cercada de outro público.

Acreditamos que a escola, por ser o lugar das aprendizagens ‘oficiais’ que se referem, por exemplo, a construção de conhecimentos específicos capazes instrumentalizar os estudantes para as seleções de acesso ao ensino superior, ou mesmo para o mercado de trabalho, precisa ser pensada também como um espaço sociocultural (Dayrell, 1996). Isto significa olhá-la com as lentes da cultura, buscando compreendê-la no seu dinamismo cotidiano, como espaço habitado por sujeitos sociais e históricos que reinventam práticas capazes de conferir à escola outros significados.

Entendemos que a compreensão da escola como espaço sociocultural permite a ampliação das análises educacionais, na medida em que os fazeres cotidianos dos jovens estudantes dão margem para pensarmos em constantes (re)elaborações de espaços, tempos, práticas e experiências escolares.

Nesta direção, a escola e seus professores são desafiados a pensar nas representações tradicionais de juventude que dão sustentação aos discursos e às práticas que circulam no contexto escolar. Dayrell (2003) defende que cotidianamente, deparamo-nos com representações de juventude ancoradas no ideário social de que a juventude é um estado transitório em o que o jovem é um sujeito que ainda vai ser alguém... Com isso, perde-se a possibilidade de olhá-los no presente, como sujeitos que *estão sendo* aqui, agora. Dayrell (2003) destaca também que o entendimento da juventude como uma fase de problemas e de conflitos, tem atribuído aos jovens comportamentos tidos como problemáticos, como o afastamento da família, a negação da escola, criando uma imagem negativa sobre o que é ser jovem. O autor adverte sobre a importância de uma problematização de tais representações, para que possamos viabilizar uma compreensão sobre os modos pelos quais os jovens constroem as suas experiências. Em suas análises sobre os jovens e a escola, Dayrell (2009) enfatiza também que é necessário compreender a condição juvenil como

o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, de classe, gênero, etnia, etc. (DAYRELL, 2009, p. 17).

O autor destaca três facetas da condição juvenil: as *condições sociais*; as *culturas juvenis* e a *sociabilidade*, como merecedoras de atenção nas pesquisas sobre o ensino médio e

os jovens. Em consonância com Dayrell, Sposito (2005) enfatiza que no cenário brasileiro, a condição juvenil para grande parcela dos jovens somente é vivenciada porque os jovens trabalham, garantindo-lhes o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo, o que não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. Sposito (2005) destaca que, para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento da vida e as condições sociais que lhes permitem viver a condição juvenil.

Para Dayrell (2009), as *culturas juvenis* são *expressões simbólicas da condição juvenil*, se constituem e se manifestam na diversidade, ganhando visibilidade através dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e no visual algumas de suas marcas distintivas. Conforme Dayrell (2009), as culturas juvenis possibilitam práticas, relações e símbolos por meio dos quais os jovens criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se inserem na esfera pública. O autor explica que aliada às expressões culturais, outra dimensão da condição juvenil é a *sociabilidade*. Uma série de estudos sinaliza a centralidade da sociabilidade diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivo.

Sociabilidades juvenis: um breve desenho

Em meio ao movediço terreno da cultura, as sociabilidades juvenis têm adquirido diversos formatos. Elas envolvem estar *entre e/ou com* amigos, grupos de pertencimento ou mesmo grupos rivais; envolvem tempos e espaços de lazer e de diversão e também os tempos e espaços institucionais, como a escola, a igreja, clubes, etc.

Muitos estudos têm mostrado a importância das sociabilidades na vida dos jovens, as quais, muitas vezes se pautam na turma de amigos e de colegas, com quem os jovens buscam por diversão, jogam conversa fora, gostam de estar ‘à toa’, compartilham gostos musicais e outros consumos.

Segundo alguns autores, as sociabilidades juvenis dizem respeito ao compartilhamento de ações baseadas no instante em que se vive e nas condições nas quais os jovens se encontram. As sociabilidades têm uma estreita relação com os espaços onde elas são desenvolvidas, alterando seus significados, fazendo emergir outras formas de vivê-los. Para a compreensão dos aspectos que compõem as sociabilidades dos jovens desta pesquisa, apresentaremos a seguir as respostas destes jovens para algumas perguntas que fizeram parte do questionário, as quais abordaram questões como: acesso e uso das tecnologias, espaços de

lazer e de diversão, espaços preferidos para estar com os amigos, pertencimentos a grupos fora do contexto escolar.

É, pois, a partir destas considerações que apresentaremos a seguir um panorama sobre como os jovens vivem a escola e outros espaços de suas vidas. Priorizamos informações que expressam, mesmo de forma quantitativa, elementos que nos permitem pensar nas suas experiências e nas suas sociabilidades, como pistas para compreender os sujeitos que cotidianamente habitam tempos e espaços escolares.

a) Sobre espaços de lazer, de diversão e de estar com amigos...

Para termos uma noção sobre como os jovens se divertem e como vivem alguns espaços da cidade, perguntamos-lhes se este ano eles haviam ido ao teatro, à festas, ao cinema, a *shows*, a museus ou então, em nenhum destes lugares. Obtivemos respostas parecidas dos estudantes dos dois turnos. Entre as alternativas de diversão mais freqüentes dos estudantes, está a festa, totalizando 80% dos alunos da tarde e 67% dos alunos da noite. A segunda atividade de lazer mais comum entre estes jovens – 69% dos alunos da tarde e 67% dos alunos da noite – são as idas à praia. Cabe ressaltar que a cidade apresenta muitas opções neste sentido, mesmo considerando que muitas das praias sejam inacessíveis devido à distância. A terceira atividade de diversão mais citada pelos estudantes é a ida a *shows*, num total de 44% dos alunos da tarde e da noite.

Apenas 7% dos estudantes do turno da tarde e 11% dos estudantes do turno da noite disseram ter ido ao museu e 8% dos alunos da tarde e 6% dos estudantes do turno da noite foram ao teatro. O cinema foi um espaço citado por 19% dos estudantes da tarde e por 14% dos estudantes da noite. Chamou-nos atenção para o fato de 8% dos alunos da tarde e 9% dos alunos da noite não terem ido a nenhum destes lugares.

Os dados referentes a esta pergunta sugerem algumas observações. A primeira delas é que, festas e *shows* são atividades consideradas ‘típicas’ dos jovens e são muito praticadas entre eles. *Acho festa bem melhor do que praia... Porque festa é uma forma de você sair de casa e encontrar os amigos num lugar mais descontraído*, argumentou um dos jovens que participou dos grupos de discussão.

Os jovens têm sido um público potencial para determinadas festas e *shows*, promovidos ou organizadas de forma peculiarmente dirigida a eles. Além disso, o fato de as festas terem sido a alternativa mais assinalada, permite a interpretação que, dentre as outras possibilidades de lazer, talvez esta seja uma das que exigem menos investimento financeiro. Elas podem ser organizadas de acordo com as possibilidades econômicas e geográficas dos

jovens e de seus amigos, além de não dependerem de um lugar fixo para que elas aconteçam. Já as atividades que envolvem custo para o seu acesso, como cinema, teatro e museu, parecem ser as menos cogitadas como opção de lazer. Além disso, é possível inferir que muitos jovens não vêem como significativos ou interessantes alguns desses espaços, a ponto de valer a pena o investimento em ingresso e transporte.

Neste sentido, torna-se possível a leitura que, as formas como se vive os espaços têm alguma relação com os significados que são atribuídos a eles. Os museus, por exemplo, podem não ter a conotação de ser um espaço de lazer... *Museu é complicado... praia é normal...No final de semana praia e festa são realmente normais!* – comentou uma das jovens no grupo de discussão. *A gente não tem o hábito de ir* [ao museu], arguiu outra jovem. Os museus podem ser considerados “institucionais demais”, “formais demais” para estes jovens, por apresentarem uma relação estreita com conhecimentos históricos e culturais que aparentemente, parecem não ter relação com seus modos de vida.

Observa-se também que na contemporaneidade, somos incitados a viver intensamente o presente. Crianças e jovens vem se constituindo dentro desta lógica temporal, permitindo-nos a interpretação de que os museus podem não ter significados relevantes para o cotidiano dos jovens, já que eles são vistos como lugar que remete ao passado. Embora tais concepções sobre os museus possam ser equivocadas e simplórias, é possível que, dentre os jovens, estes significados sejam compartilhados. Além disso, os museus são espaços que condensam aquilo que no senso comum entende-se por cultura. A esse respeito, cabe outra problematização.

Não é novidadeiro o entendimento da cultura como excelência estética ou como aquilo que a humanidade produziu de melhor, tanto em termos de conhecimento, quanto no campo das artes. Assim, diz-se que ir ao museu é programa de acesso a esta cultura. Entende-se, no entanto, que esta acepção de cultura é apartada da vida cotidiana das pessoas, especialmente dos jovens. As coisas que eles sabem fazer, suas formas de expressão, seus gostos musicais e estéticos, muitas vezes não são vistos como cultura ou como expressões culturais. Cabe ressaltar, que tanto a Antropologia quanto outras áreas do conhecimento, vêm questionando este entendimento de cultura que foi convencionalizado e que a fragmenta da vida cotidiana das pessoas. Stuart Hall (1997), em seu artigo *A centralidade da cultura*, argumentou que por cultura, entende-se as mais diversas práticas cotidianas e seus significados. Desse modo, a cultura está relacionada com os modos de vida das pessoas e com os significados das coisas que elas fazem no seu dia a dia. Entendemos que a visão do museu como “o lugar da cultura”, refere-se àquela cultura que pouco tem a ver com a vida dos jovens. Pelo contrário: parece que criamos mundos opostos em que, de um lado estão os jovens com suas práticas e suas

expressões culturais consideradas menores. De outro, espaços como museus, teatro e até mesmo a escola, vistos como lugares onde jovens devem buscar “a cultura”. Neste entendimento, infere-se que aquilo que está na escola, nos museus, no teatro são saberes e práticas “melhores”, “superiores” àquelas pelos quais os jovens manifestam-se e constroem suas sociabilidades.

Em relação aos espaços de estar com os amigos, chamou-nos atenção que, dentre tantas alternativas, a grande maioria dos jovens apontou a escola como lugar preferido, totalizando 83% das respostas dos estudantes da tarde e 78% dos estudantes da noite. Isto pode sinalizar que apesar de possíveis dificuldades relacionadas a aprendizagem ou mesmo nas relações que se dão na escola, ela acaba se configurando na principal referência para estes jovens. Os outros espaços preferidos foram indicados na seguinte ordem: o bairro, que foi citado por 44% dos estudantes da tarde e por 36% dos estudantes da noite; em casa, com 45% da preferência dos estudantes da noite e 29% dos jovens da tarde e, por fim, a rua, que foi indicada por 30% dos alunos da tarde e por 23% dos alunos da noite. Os demais espaços, como *shopping*, outros bairros, ou outros lugares formam assinalados com expressividade menor.

A preferência significativa pela escola leva-nos a afirmar que ela assume uma importância central na vida destes jovens, importância esta que não está necessariamente vinculada com as questões de conhecimento. As trocas entre amigos parecem ser favorecidas no espaço escolar, onde os jovens aprendem com práticas cotidianas diversas. Entretanto, em função do pouco diálogo de muitas escolas com os seus estudantes, torna-se até difícil que elas conheçam as aprendizagens e as sociabilidades que os alunos desenvolvem. Isto sugere pensar numa possível ambivalência da escola para eles. Muitos estudos destacam que apesar de a escola ser considerada um importante espaço de sociabilidade, muitos jovens têm dificuldades para manter-se dentro dela durante muito tempo, devido às dificuldades de aprendizagem e às diversas circunstâncias de suas vidas. Apesar de acreditarem nas promessas da escola como condição para dias melhores, devido a algumas práticas repetitivas e pouco relacionadas com seus modos de vida, torna-se difícil para muitos jovens que ela seja atrativa do ponto de vista do conhecimento.

Além disso, as respostas dos jovens para esta pergunta, podem ser indicativas da ausência de outros espaços de sociabilidade acessíveis à eles. Talvez este seja um dos principais motivos para que tais jovens vejam a escola como espaço preferido para estar com os amigos. Se outros espaços de sociabilidade são remotos em suas vidas, é provável que os amigos e os grupos com os quais convivem sejam, na sua maioria, os colegas de escola.

b) Sobre pertencimentos...

Pertencer a um grupo, seja ele de música, ecológico, esportivo, religioso, político, estético ou tantos outros, parece ser uma prática comum dos jovens na contemporaneidade. Entretanto, ao serem perguntados se pertenciam a algum grupo juvenil fora da escola, surpreendentemente, 60% dos jovens da tarde e 66% dos estudantes da noite responderam que não fazem parte de nenhum grupo. Além de tais respostas, num encontro com estes alunos para apresentar os resultados da primeira etapa da pesquisa, alguns jovens comentaram que fora da escola, não há nada que eles possam fazer.

Conforme ressaltamos anteriormente, estas respostas indicam uma provável precariedade de outros espaços de sociabilidade, nos quais os jovens podem relacionar-se, criar formas de expressividades, criar coletivos menores...

Isto nos leva a crer que outros espaços institucionais onde os jovens podem desenvolver suas sociabilidades são praticamente inexistentes nos bairros onde estes jovens vivem ou então, que estes espaços, se existem, não são acessíveis. Sobre isto, podemos inferir que o modo como os espaços públicos e de lazer são gestados, tanto no âmbito municipal, quanto estadual, negligenciam as necessidades destes jovens. A ausência de praças, parques, espaços esportivos, associações ensinam modos de viver na cidade, em que as pessoas acabam conformando-se com possibilidades restritas de encontros, que muitas vezes reduz as possibilidades de pertencimentos dos jovens a outros grupos.

Se cruzarmos as respostas desta pergunta com as repostas sobre os espaços de lazer que os jovens freqüentaram este ano, ou mesmo com os espaços onde preferem encontrar com os amigos, podemos deduzir que estes jovens não podem eleger outros espaços públicos além da escola e da rua para expressar suas identidades, uma vez que os espaços de sociabilidade parecem escassos e desprovidos de equipamentos para práticas de lazer e de diversão.

Neste caso, ratifica-se a imagem da escola como sendo, acima de tudo, um espaço de sociabilidade, de encontro de amigos, pois ela acaba por tornar-se praticamente a única via de acesso para que estes jovens possam “ser de algum grupo”.

Veiga-Neto (2002) observa que a importância desses sentimentos de pertença, se situa na possibilidade de conceder a cada um, uma posição de maior ou menor atuação dentro de um grupo, o que não deixa de ser um exercício de cidadania. Mas pertencer a um grupo é um processo que não se configura apenas pelas afinidades entre pares, mas também pela não adesão a determinados grupos, e até mesmo pela manifestação de repulsa a alguns deles. Isto pode ser ilustrado através da fala de um dos jovens que participou dos grupos de discussão:

É porque tem grupo [...] que varia do tipo de pessoa. A gente vê aí... tem movimento musical, tem torcida organizada, tem aquele grupo... Geralmente nas torcidas organizadas tem mais meninos, só que a gente pode ser amigos desses meninos, só que a gente não participa do grupo junto com eles... Não vai pra jogo, não vai pra festas que eles fazem, essas coisas todas né...

Observou-se ainda que um número muito pequeno de jovens participa de alguns grupos. Dentre eles, 11% dos estudantes dos dois turnos dizem fazer parte de grupos de música. De forma igual, 6% dos estudantes de ambos os turnos afirmaram pertencer a torcidas organizadas. Entre os alunos que participam de grupos sem objetivos explícitos, estão 9% dos alunos da tarde e 7% dos alunos da noite. Participar do Grêmio Estudantil foi a opção assinalada por 2% dos alunos da tarde e 6% dos alunos da noite; 3% dos estudantes da tarde e 4% dos da noite revelaram participar de grupos de ajuda aos necessitados. Os outros grupos citados apresentaram os seguintes resultados: 2% dos alunos da tarde fazem parte de grupos de defesa do meio ambiente; 1% dos alunos dos dois turnos dizem participar de grupos de pichação; 4% dos alunos da tarde participam de grupos de grafite.

c) Sobre internet e outras Tecnologias da Informação e Comunicação.

Além dos espaços de diversão e institucionais, os espaços virtuais também têm se configurado num lugar de encontros e de relacionamentos. As novas tecnologias da informação e da comunicação funcionam como canais de encontro entre os jovens e fazem parte, de alguma forma, da vida dos jovens da pesquisa.

Quando questionados sobre a existência de televisão, computador e internet em suas casas, todos os jovens responderam que tem televisão. Já, computadores e internet são mais restritos. A metade dos estudantes do turno da tarde – 51% - têm computador em casa e apenas 34% tem internet. Os dados obtidos dos estudantes do turno da noite revelam um acesso aos computadores inferior aos estudantes do turno da tarde: 40% deles têm computador em casa. Em compensação, a grande maioria daqueles que tem computador, tem também internet, totalizando 37%.

Ressalta-se que o fato de muitos jovens não terem computador e internet em suas casas, não significa que eles não têm acesso a tais tecnologias. Outras pesquisas de âmbito nacional têm revelado que muitas pessoas que não tem internet em casa freqüentam *lan houses*, ou buscam acessá-la na casa amigos, de parentes, na escola e/ou no trabalho.

Ainda falando sobre internet, observou-se que há diferenças nos usos de suas ferramentas entre os alunos da tarde e os alunos da noite. Constatou-se que apenas 48% dos estudantes do noturno navegam em sites de relacionamento e 78% deles utilizam-na especialmente para pesquisas escolares. Já no turno da tarde observa-se o contrário: 84% dos

alunos utilizam-na para relacionar-se através do *orkut*, do *facebook*, do *twitter*, de *blogs* e de outros sites. Neste caso, fica explícito o uso da internet como forma de sociabilidade, preponderando ao seu uso como ferramenta de pesquisas para fins escolares em 73%.

Durante os grupos de discussão perguntamos se os participantes conversam mais com os amigos pessoalmente ou virtualmente. As respostas, mesmo sendo variadas, revelam a presença das tecnologias como mediadoras e produtoras de modos de relacionamento, como se pode ver a seguir:

– *Eu converso mais por telefone.*

– *No meu caso, tenho amigos pessoalmente e tenho outros amigos diferentes na internet, virtualmente. Aí, tipo diferencia mais... No dia a dia converso mais com eles (referindo-se aos amigos de turma) e à noite, já que estou na internet, converso mais com os outros que estão virtualmente. Já são de outros Estados...*

Certo é que as novas tecnologias da informação e da comunicação têm afetado e tem produzido modos pelos quais as pessoas – principalmente os jovens – estudam, trabalham, se divertem, se comunicam, se relacionam, namoram, ampliam e sustentam suas amizades, etc. Os diversos contornos das atividades e dos relacionamentos que os jovens constroem cotidianamente, os modos com o forjam suas identidades estão cada vez mais atravessados pelas ferramentas da internet (PEREIRA; GARBIN, 2011). Lemos (1999) arrisca supor que possivelmente estejamos vivendo uma reversão do processo individualista moderno, buscando, através das tecnologias, novas formas de agregação social, o que ele chama “agregação eletrônica.” (p.16).

Garbin (2003, 2009) tem advertido que não há dúvidas de que a internet se converteu num ‘laboratório’ [grifo da autora] para a realização de experiências com as construções e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, porque, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos. Segundo a autora, a autora ela torna-se um ‘ímã’ para jovens que a utilizam, seja como uma forma de comunicar, seja como um instrumento de demarcação de fronteiras, tornando-se um objeto a ser incessantemente louvado, usado, teclado, enfim, acessado.

a) A centralidade da escola e os desafios de ser professor “da galera”

Ao serem perguntados se gostam da escola, os jovens responderam do seguinte modo: 82% dos alunos da tarde e 80% dos alunos da noite disseram gostar da escola. Já, 6% dos alunos da tarde, juntamente com 9% dos estudantes da noite afirmaram adorá-la. Apenas 7% dos estudantes da tarde e 9% dos estudantes da noite disseram que não gostam da escola. A

alternativa que indica que os alunos detestam a escola foi escolhida por 4% dos alunos da tarde e 1% dos alunos da noite. O saldo em relação aos sentimentos dos alunos da pesquisa para com a escola, sugerem que ela tem uma importância bastante positiva em suas vidas. Esta valorização parece estar associada principalmente com a idéia da escola como espaço de estar entre os colegas e os amigos, entre os “iguais” e os diferentes, num exercício de alteridade e de identidade.

Sabemos que a escola tem sido reconhecida não somente como espaço de saber, mas de cruzamentos e de movimentos “da galera”. Em meio a este cenário onde as (re)composições e os arranjos juvenis encontram nela uma espécie de suporte para as práticas de sociabilidade, os professores são desafiados a pensar também outros arranjos para as suas aulas e para os seus modos de olhar para estes jovens.

Para concluir

Diante do exposto neste artigo, pode-se concluir que dentre os demais espaços que fazem parte da vida dos jovens desta pesquisa, a escola e a internet são as referências mais mencionadas para suas práticas de sociabilidade. Neste sentido, concordamos alguns autores, como por exemplo, com Pereira e Garbin (2011) ao afirmarem que o tripé formado pela família, pela escola e pelo grupo de amigos de convívio presencial, há muito considerados basilares nos processos de socialização de crianças e jovens, tem sido alterado nos últimos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Num primeiro momento, podemos constatar que parte dos jovens da pesquisa encontram algumas dificuldades para “degustar” espaços de sociabilidade para além da escola e da internet. Tais dificuldades podem estar associadas a uma série de faltas, dentre elas, a falta de condições econômicas para o acesso a outros espaços de lazer e a falta de espaços públicos para encontros, onde possam estar juntos e praticar suas culturas, resultando para a escola uma espécie de incumbência velada para dar conta de demandas que, muitas vezes extrapolam as suas condições.

Por outro lado, o fato de os jovens vivê-la como espaço sociocultural, coloca em evidência a necessidade de gestores e professores desconstruir práticas que não valorizam suas expressividades. Parece-nos necessário que a escola consiga exercitar o olhar para identificar a hegemonia presente em seus meandros, através de suas rotinas, da sua organização curricular, didática e disciplinar, dificultando aproximações entre escola, estudantes e professores, tanto nas relações de afeto, quanto nas relações com o saber e com o

conhecimento. Reconhecer as interfaces entre estas formas de sociabilidades juvenis e a escola, configura-se, portanto, num desafio de nossos tempos!

Referências bibliográficas

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. 2003, nº 24, set/out/nov/dez.

DAYRELL, Juarez. Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio. **TV Escola, Salto para o futuro**: Secretaria da Educação a distância, Ministério da Educação, ano XIX, boletim 18, 2009.

GARBIN, Elisabete M. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-60, maio/jun/jul/ago, 2003.

GARBIN, Elisabete M. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: **Salto para o futuro – Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Ano XIX, boletim 18, novembro de 2009, p. 30-40.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n 2, jul./dez., 1997, p.17.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, André. Ciber-socialidade – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Orgs.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p. 9-22.

MENEZES, L. C. O novo público e a nova natureza do ensino médio. **Estudos Avançados**, 15 (42), 2001.

PEREIRA, Angélica Silvana; GARBIN, Elisabete M. *Ela é uma professora e não tem orkut, nem MSN!* Práticas culturais juvenis no ciberespaço e os desafios de ser professor na contemporaneidade. Trabalho apresentado no **VII Congresso Internacional de Educação – Profissão Docente: Há futuro para esse ofício?** 22-24/08/2011. São Leopoldo: UNISINOS, 2011, 10p.

RAMOS DO Ó, Jorge; COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa. Entrevista com Jorge Ramos do Ó. In: BONIN, Iara T.; BUJES, Maria Isabel B. (orgs). **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2010, p. 171-180.

RAMOS DO Ó. **A escola e a escrita: uma reflexão paradoxal**. Canoas: ULBRA, 2012. (Palestra proferida).

SANTOS, Cleber N. **Políticas da Educação a Distância no Ensino Superior: o foco no aluno do Sistema UAB/UFAL**. Maceió: UFAL, 2011. 315 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós—Graduação em Educação Brasileira, Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SPOSITO, Marília P.; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

VAN ZANTEN, Agnès. **L'école de la périphérie: scolarité et ségrégation en banlieue**. Paris: PressesUniversitaires de France, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades), (ident)idades... In: GARCIA, Regina (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.